

Gisele Oliveira de Almeida

MEDINDO CORPOS, CLASSIFICANDO SUJEITOS: o perfil
dos alunos da escola de educação física da ufmg (1970-1979)

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais
2013

Gisele Oliveira de Almeida

**MEDINDO CORPOS, CLASSIFICANDO SUJEITOS: O PERFIL DOS ALUNOS DA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFMG (1970-1979)**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG
2013

Agradecimentos

Dedico esse espaço ao agradecimento daqueles que se fizeram importantes no processo de escrita desse trabalho e na minha formação acadêmica como um todo.

Agradeço à Deus que me estruturou e me deu forças nos momentos em que me senti impossibilitada de prosseguir essa longa caminhada.

À minha mãe, Maria Helena, e meu pai, Jorge, que foram meus alicerces nesse processo, cujo papel na minha vida é de valor inestimável, sem os quais nada disso teria sido realizado.

Aos meus irmãos Bruno, Warley e Wesley pelo carinho, atenção e companheirismo.

À minha orientadora Meily Assbú Linhales, peça mais que fundamental no desenvolvimento desse trabalho como também em todo meu percurso acadêmico. Com quem aprendi que competência é sinônimo de muito esforço e dedicação. A você Meily, meu muito obrigada!

Aos amigos da faculdade. Incluo aqui todos que participaram de algum modo oferecendo um ouvido, uma palavra, um gesto e até mesmo momentos de risadas: Patrícia, Natália e Carol Laguardia, entre tantos outros, vocês foram muito importantes. Destaco também, Sarinha e Thaís. Vocês dividiram comigo momentos muito especiais da minha graduação, foram amizades preciosas que fiz nesse percurso. Muito obrigada por tudo meninas, sempre lembrarei de vocês!

Também agradeço ao Guigui meu grande amigo, que me ajudou incontáveis vezes durante o curso. Obrigada pela sua amizade e companheirismo.

Um agradecimento especial à Fernanda. Fe, você ouviu meus desabafos, minhas lamentações, me mostrou alternativas, dividiu comigo momentos de angústia e de felicidade. Foram noites em claro, feriados e dias inteiros dedicados à escrita, momentos que partilhamos e vivemos. Obrigada por ter acompanhado de perto e me auxiliado nesse processo tão importante!

Além disso, agradeço a aquele que foi um presente de Deus na minha vida, Rodrigo, que acompanhou essa fase final do curso, e que me apoiou nos momentos difíceis suavizando os meus problemas, trazendo alegria aos meus dias. Obrigada pelo seu carinho.

Ao meu querido professor Tatá, com quem aprendi que a vida pode e deve ser vivida com carinho, respeito, solidariedade, compaixão e amor. Obrigada Tarcísio Mauro Vago por ter me dado a honra de tê-lo como professor e por ser um exemplo de ser humano a ser seguido.

Agradeço também aos pesquisadores do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, pelos momentos de estudo e contribuições para minha pesquisa. Em especial à Carol Vimieiro que também me auxiliou nesse processo.

Ao Adalson Nascimento pela sua importante contribuição no Centro de Memória auxiliando nos trabalhos do acervo. Agradeço seu cuidado e interesse em contribuir da melhor forma possível para a formação dos bolsistas do CEMEF.

Aos professores da graduação que de alguma forma contribuíram para um olhar mais crítico sobre o campo da Educação Física. Obrigada a todos!

Por fim, aqueles que não citei mas que torceram por mim, obrigada a todos!

*“Se não procurares senão a recompensa,
o trabalho vai parecer-te penoso;
mas, se apreciares o trabalho por si mesmo,
nele próprio terás a tua recompensa” (Tolstói)*

RESUMO

Este estudo buscou identificar um perfil dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais da década de 1970. Tal perfil foi traçado a partir de registros contidos nas fichas Morfo-Fisiológicas e nas fichas de exames clínicos (denominadas assim para esse estudo), que indicam os resultados de testes e exames físicos aos quais os alunos do curso foram submetidos, periodicamente, durante a graduação. Além disso, objetivou-se analisar alguns sentidos e significados atribuídos às medições e classificações corporais, práticas estas representadas nas fichas, e que estão intimamente relacionadas à constituição do campo da Educação Física. Inicialmente, foi realizado um diálogo com estudos relativos à biometria e à biotipologia, a fim de compreender a relação entre as ciências biomédicas e a Educação Física no concernente às práticas de mensuração e quantificação de caracteres morfológicos como também à classificação dos sujeitos. Para a identificação e análise do perfil foram selecionados alguns campos das fichas, que, quantificados, permitiram dizer de um conjunto de sujeitos que, na sua maioria, é proveniente da cidade de Belo Horizonte; solteiros; praticantes de alguma atividade física; não possuem vícios (tabagismo e etilismo); classificados biotipologicamente como normolíneos e considerados leucodermos (brancos) no que diz respeito à sua classificação étnica. Por fim analisou-se o processo de ingresso no curso, através do exame vestibular, com suas provas intelectuais e físicas, sobretudo com o foco nas provas práticas que, durante a década de 1970 sofre diversas alterações no que diz respeito ao seu nível de exigência e até mesmo em relação à sua obrigatoriedade no processo de seleção dos candidatos ao curso. Assim, a partir da mobilização de diferentes fontes e do diálogo com referencial teórico foi possível compreender como a Educação Física através das práticas de medição do corpo e de determinação de um desempenho esportivo selecionava aqueles aptos às exigências do curso.

Palavras-chave: Educação Física. Medição do corpo. Fichas Morfo-fisiológicas. Fichas de exames clínicos.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
1.1 A Escola de Educação Física da UFMG e seu acervo no CEMEF	8
1.2 As fichas de alunos como fontes primárias de investigação	10
1.3 Questões do estudo e referencial teórico	12
 2 AS PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: DIÁLOGOS COM ESTUDOS HISTÓRICOS RELATIVOS À BIOMETRIA E À BIOTIPOLOGIA	16
2.1 A escola Italiana	18
2.2 A classificação de Roquette-Pinto: leucodermos, xantodermos, melanodermos e faiodermos	21
 3 O QUE DIZEM AS FONTES: AS FICHAS DOS ALUNOS DA DÉCADA DE 1970	23
3.1 O Gabinete Médico	23
3.2 As fontes primárias: análise dos dados encontrados	26
3.3 Dos dados encontrados	32
 4 SELEÇÃO DOS “MAIS APTOS À EXIGÊNCIA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA”: AS PROVAS PRÁTICAS DO EXAME VESTIBULAR	41
 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
 REFERÊNCIAS	49
 ANEXOS	51

1 APRESENTAÇÃO

Este estudo buscou identificar o perfil dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais da década de 1970. Tal perfil foi traçado a partir dos registros das fichas Morfo-Fisiológicas e das fichas de exames clínicos (denominadas assim para esse estudo) que indicam os resultados de testes e exames físicos aos quais os alunos do curso foram submetidos durante a graduação.

Contextualizando a problemática a ser investigada, esta se deu, em grande medida, devido a minha trajetória de pesquisa no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), localizado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG. Assim, nos anos de 2010 e 2011 estive envolvida em um projeto intitulado “*O CEMEF como lugar de memória e pesquisa da história do esporte em Minas Gerais: organização e conservação de acervos*”¹, no qual participei como bolsista de Iniciação Científica. Foi nesse projeto que iniciei minha trajetória como pesquisadora lidando diariamente com a documentação do acervo do Centro de Memória.

Depois, no ano de 2012, o CEMEF passou a integrar a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. Rede esta criada em 2000 e que, desde então, promove ações conjuntas no sentido de aproximar Educação, Ciência e Arte. Contando, hoje, com seus dezesseis espaços integrantes entre eles: Centros de Memória, Centros de Referência, Museus e outros. Atualmente, com uma bolsa financiada pela Rede, trabalho com a continuidade das ações no acervo do CEMEF em uma perspectiva extensionista, de possibilitar a disponibilização deste ao público interessado, de modo que uma das minhas atribuições é a recepção de pesquisadores e consultantes que buscam acessar o patrimônio documental.

Sendo assim, foi a partir de uma jornada mista, conciliando demandas da graduação e o trabalho no acervo do Centro de Memória, que estive em contato com os mais diversos tipos documentais tais como atas, correspondências, provas,

¹ Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) - chamada pública nº 16/2009.

diários de classe, fichas de alunos, entre outros, que me possibilitaram vislumbrar inúmeras potencialidades de pesquisa.

1.1 A Escola de Educação Física da UFMG e seu acervo no CEMEF

O CEMEF desde sua criação em 2001 vem se estabelecendo como lugar de preservação, conservação, recuperação e guarda de documentos relativos à história da Escola de Educação Física da UFMG. Sendo assim, para entender a origem dos documentos dessa instituição, é necessário conhecer os fatos que narram a criação da Escola.

Por isso, dialogamos com Campos que nos relata:

Em 8 de fevereiro de 1952, iniciam-se as atividades da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, apoiando-se no Decreto-Lei 1.212 de 17 de abril de 1939 para orientar sua base de funcionamento. Com o auxílio do Governo do Estado e vinculada à Diretoria de Esportes de Minas Gerais, foi mantida através da verba mensal paga pela Loteria de Minas, tendo sua oficialização garantida pelo decreto n. 31.761, de 12 de novembro de 1952. (2007, p. 42).

Ainda no mesmo ano Dom Cabral, arcebispo na época, instalou em Belo Horizonte a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. No entanto, questões internas ocasionaram a fusão das duas escolas em 1953 (CAMPOS, 2007). De modo que foi

(...) em acordo firmado por Juscelino Kubitschek e Dom Cabral, em 30 de setembro de 1953 sendo denominada, a partir daí, Escola de Educação Física de Minas Gerais. Possivelmente problemas financeiros, a pequena demanda de alunos nos vestibulares e as brigas internas inviabilizavam a existência de ambas, isoladamente. A nova Escola passou então a ter uma organização mista, sendo mantida com recursos da Diretoria de Esportes do Estado e tendo orientação pedagógica vinculada ao Conselho Diretor da Sociedade Mineira de Cultura. A oficialização da fusão, com o reconhecimento federal da instituição, foi homologado em 13 de abril de 1955. (LINHALES *et al*, 2011, sp).

Esta Escola, então, fruto da junção, veio federalizar-se em 21 de novembro de 1969, passando a integrar a UFMG. Uma vez inserida na Universidade, houve a

fundação de sua sede no campus da Pampulha, inaugurada em 12 de dezembro de 1977, depois de cinco anos de construção do prédio (LINHALES *et al*, 2011).

Desse modo, entendemos que a documentação presente no acervo foi sendo acumulada pela Escola desde os anos da criação da primeira instituição em Belo Horizonte. Com isso, o objetivo do Centro de Memória é qualificar a guarda e recepção de acervos relativos a essa história de modo a preservar a memória dessa instituição formadora de professores de Educação Física.

O Centro de Memória contém um Acervo Institucional composto por documentos textuais, iconográficos, audiovisuais, como também objetos tridimensionais e uma biblioteca de apoio com livros que tratam de temáticas relativas à Educação Física. Somados a este, o acervo contém Arquivos Pessoais constituídos por doações de professores, ex-professores e ex-alunos, tais como livros, manuscritos, filmes, recortes de jornais, diplomas entre outros. E, ainda, a Coleção História Oral, na qual são encontradas entrevistas que são fontes orais armazenadas em áudio e/ou vídeos contidas também em cópias transcritas.

Os documentos textuais são datados de 1952 a 1969 (período pré-federalização) e de 1969 a 1980 (período pós - federalização). Documentação esta que, parte estava guardada em um porão embaixo da escada do auditório da Escola e o restante em uma sala conhecida como o “arquivo morto”. E em ambos os locais encontravam-se em condições inapropriadas de conservação e armazenamento.

Recolhido pelo Centro, o acervo textual foi higienizado², em seguida colocado em caixas e armazenado sob temperatura adequada para a sua preservação³. Além disso, também foi organizado em fundos, que, no singular, é entendido como “conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados por determinada entidade pública ou privada; pessoa ou família; no exercício de suas funções e atividades, guardando entre si relações orgânicas”. (BELLOTTO, 2006; BRASIL, 2005).

Dessa forma são dois os fundos organizados no CEMEF: o primeiro relativo ao período anterior a federalização e o segundo compreendido na temporalidade

² A higienização é um processo importante para conservação dos documentos. Através dela é removida a poeira, objetos danosos tais como grampos, cliques e prendedores metálicos, além de insetos mortos entre outros. Essa técnica demanda local e material apropriados e deve ser um hábito na rotina de manutenção de bibliotecas e arquivos. (PALETTA E YAMASHITA, 2006).

³ Os documentos são guardados na sala de Reserva Técnica que possui um sistema (CLIMUS) de climatização e refrigeração que controla temperatura e umidade do ambiente promovendo uma maior durabilidade dos documentos acondicionados.

posterior⁴. Sendo que o segundo fundo possui uma característica peculiar devido ao seu marco temporal compreender o período de transição entre duas sedes da Escola, uma localizada no bairro Gameleira e a outra no campus Pampulha. Mesmo a federalização sendo homologada em 1969 foi apenas no final da década de 1970 que a instituição passou a exercer suas atividades no prédio da atual EEFFTO.

1.2 As fichas de alunos como fontes primárias de investigação

Com o intuito de identificar um possível perfil dos alunos do curso de Educação Física da UFMG durante o período de 1970 a 1979, dos tipos documentais salvaguardados no CEMEF, as Fichas Morfo-fisiológicas e as fichas de exames clínicos foram eleitas como uma das principais fontes para esse trabalho de conclusão de curso.

Existem no acervo do Centro de Memória fichas datadas de 1970 a 1989. Logo, a fonte primária desse estudo está compreendida no Fundo 2. Embora alguns documentos extrapolem a temporalidade do fundo, ainda permanecem agrupados devido ao seu caráter orgânico, uma vez que separados perderiam a sua unicidade. Para entender a organização desse conjunto documental, do acervo do Centro de Memória, precisamos compreender um pouco da sua classificação no fundo ao qual pertence.

Baseados em princípios arquivísticos, que devem ser observados na organização, guarda e uso de documentos em arquivos, a documentação institucional do CEMEF foi classificada de acordo com a hierarquia funcional da entidade produtora. Dessa forma as fichas receberam uma classificação de acordo com a estrutura organizacional da Escola de Educação Física levando em consideração os períodos pré e pós federalização. O arranjo dos documentos no fundo se deu a partir de uma análise da conformação hierárquica no que diz respeito à administração da Escola. Sendo assim, a hierarquização se estabeleceu em quatro níveis sendo eles o fundo, a função, a atividade e a série documental. Logo, a classificação das fichas de alunos no acervo é dada conforme apresentado na tabela a seguir:

⁴ No CEMEF também há documentações que correspondem a anos posteriores à temporalidade do fundo 2, mas que foram mantidas neste para que não fosse mesclado um conjunto documental de mesma origem.

Fundo	Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (1969-1980)
Função	Administração
Atividade	Expediente escolar
Série	Fichas Morfo-Fisiológicas/ Prontuários de alunos

Tabela 1. Classificação das fichas no inventário.

Essa divisão em níveis além de representar o funcionamento da instituição é uma forma de localizar os documentos dentro do acervo. Essa classificação é encontrada no instrumento de pesquisa (inventário) que, ao ser consultado, facilita a busca da documentação por pesquisadores.

Dada sua localização no fundo supra citado, percebemos que tais fichas de alunos se constituem como um conjunto documental amplo e que muito podem nos dizer a partir de seus agrupamentos. Assim, as encontramos no acervo sob dois formatos: as fichas de exames clínicos que contém resultados de análises e exames clínicos realizados nos alunos, sendo que grande parte possuem exames médicos anexados (exame de sangue, urina, fezes e abreuografia), que não serão analisados nesse estudo. As fichas de exames clínicos não possuem título (a denominamos assim no intuito de facilitar a escrita) e apenas informam o nome do setor, este sendo, ora “Setor Biomédico”, ora “Setor Biométrico”. O segundo formato são as fichas intituladas Morfo-Fisiológicas. Estas possuem registros, assim como o nome sugere, morfológicos e fisiológicos dos sujeitos.

Portanto, para esta pesquisa selecionamos a década de 1970 como recorte de investigação, pois pensamos em selecionar os documentos menos recentes, e, como encontramos no acervo só uma ficha de 1952 e as demais são de 1970 a 1989, recortamos a década de 1970 por caracterizar um conjunto documental com um número de fichas relativamente grande e que atende aos propósitos dessa investigação.

1.3 Questões do estudo e referencial teórico

A partir da análise dos dados das fichas e de outras fontes buscou-se compreender quais foram os indivíduos envolvidos nessa prática: quem eram os alunos, professores, médicos e outros sujeitos participantes.

Assim, depois de quantificar os dados encontrados, procuramos obter uma visão geral do conjunto documental e tentar responder há algumas questões norteadoras:

- Existia um perfil de aluno que se pretendia para o curso de Educação Física? E se existia, que perfil de aluno as fichas informam?

- De que maneira o exame vestibular pode ter influenciado na seleção de sujeitos para o curso de Educação Física? Pensando que para o ingresso no curso havia provas práticas cujo objetivo era o de selecionar candidatos de acordo com a suas aptidões físicas.

- De que maneira a Educação Física torna-se legitimadora de um modelo de corpo atlético, saudável, ausente de doenças e capaz de obter certo nível de aptidão física? Sobretudo, como que a ciência, representada aqui pela biometria e a biotipologia, tem seus conhecimentos muitas vezes apropriados pela Educação Física no que diz respeito as aferições corporais que podem estar relacionadas a uma aptidão e desempenho esportivo.

A partir destas e outras indagações norteamos esse estudo de maneira a compreender as atribuições e significados de uma prática representada aqui pelas fichas dos alunos da década de 1970.

Então, para essa pesquisa de cunho histórico concordamos com as ideias de Bloch (2002) ao dizer que o trabalho do historiador não deve ser iniciado somente com a coleta dos fatos, mas é exigido do historiador a consciência de que o fato histórico é o produto de uma construção ativa de sua parte para transformar a fonte em documento, em seguida, constituir esses documentos, esses fatos históricos, em problema. E é com o intuito de problematizar esse fato histórico e entendê-lo como uma manifestação cultural e social dada em uma determinada temporalidade, que esta pesquisa se propõe conhecer um possível perfil do aluno do curso de Educação Física da UFMG.

Dessa forma, a importância desse trabalho se dá pela compreensão de um passado que fez parte da formação de estudantes do curso de Educação Física o que pode ou não ter reflexos nos dias atuais.

Sendo este um trabalho histórico podemos compreender a partir de argumentos de Marc Bloch (2002) que a história não deve ser entendida como a “ciência do passado” uma vez que “passado não é objeto de ciência”. É a importância do presente para compreender o passado e vice-versa que justifica o saber histórico. Assim, também podemos pensar em que medida esse passado contribuiu para um estereótipo existente quando se fala de Educação Física e imagina-se um corpo saudável, atlético, magro sem sobrepeso e etc.

Ademais, uma pesquisa realizada, sobretudo, tomando como fontes, documentos salvaguardados no acervo do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, é de suma relevância por dois vieses: primeiro, pela contribuição desse estudo para a história da Educação Física no que concerne a análise e compreensão de práticas que se deram nessa instituição. Pois esses documentos históricos muito podem nos dizer através de variadas séries documentais. Ou seja, a partir de uma quantificação das informações dos alunos e seus resultados nos exames buscamos perceber um possível perfil de pessoas no curso de Educação Física. E, segundo, pela possibilidade de suscitar novas pesquisas no acervo e servir de referência para outros trabalhos na área, visto que o Centro de Memória é um lugar de formação de graduandos, mestres, doutores e pós-doutores, e que há realização de pesquisas nesses diversos níveis da formação acadêmica.

Para além disso, nesse estudo identificou-se que os exames eram realizados no setor Médico Biométrico, sendo assim, podemos pensar na biometria (medida da vida) como uma forma de mensuração do corpo. “Biometria é a ciência que tem por fim traduzir numericamente os fenômenos biológicos, estabelecendo entre os dados assim obtidos, relações que visam determinar as leis que o regem” (RAMALHO, 1940 *apud* VIMIEIRO-GOMES; SILVA; VAZ, 2011, p.04).

As práticas biométricas possuem grande representatividade nas fichas de exames clínicos e Morfo-Fisiológicas (1952-1989), e demonstram de maneira objetiva os exames realizados para medição de caracteres mensuráveis. Dessa forma é posta a importância de um estudo que se propõe conhecer uma prática médica que se deu no campo da Educação Física, e as possíveis relações – entre

as duas áreas: educação física e ciências médicas – além de seus propósitos e desdobramentos.

Almejando responder as perguntas desse trabalho, foram construídas “séries” documentais. Em que alguns tópicos das fichas foram selecionados, agrupados, quantificados e representados através de tabelas, com um intuito de mapear as informações para a construção de uma narrativa. Além disso, pensando nesse trabalho como um estudo realizado a partir de uma perspectiva histórica, não objetivamos, somente, a elaboração de narrativas que se restrinjam ao apontamento de fatos e circunstâncias. Pretendemos compreender as manifestações sociais e culturais que ocorreram na história. Sendo assim este trabalho é caracterizado pela busca da análise histórica do social, de acordo com a abordagem micro-histórica.

A abordagem micro-histórica é profundamente diferente em suas intenções, assim como em seus procedimentos. Ela afirma em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. (JACQUES REVEL, 1998, p.20)

A mudança da escala de análise é essencial para a definição da micro-história, sendo importante compreender bem sua significação e suas implicações. Entretanto, a escala de observação não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama (REVEL,1998).

Para além disso, o fato das fontes principais desse trabalho serem caracterizadas por documentos de caráter privado, que abrigam informações pessoais, é de fundamental importância atentarmos ao sigilo no trato com essa documentação.

Na verdade, a questão do sigilo afeta dois direitos fundamentais - o direto à informação e o direto à privacidade. É interessante observar que esses direitos se complementam e se contrapõem. Complementam-se, na medida em que ambos são necessários à sobrevivência das sociedades democráticas e modernas; contrapõem-se, porque o direito à vida privada e à intimidade constitui cada vez mais o principal limite à liberdade de informação. (COSTA, 2003, p.183).

Logo, observa-se a importância de um cuidado no que tange ao resguardo da identidade dos sujeitos envolvidos nos exames, e a não divulgação dos nomes dos alunos, evitando assim infringir o direito à privacidade dos mesmos.

A partir dessa metodologia de trabalho buscamos delinear o estudo através de três capítulos a fim de sistematizar a escrita da monografia. O primeiro deles se propõe a fazer uma discussão sobre as práticas de medição do corpo (biometria e biotipologia) atreladas à Educação Física. O segundo dedica-se a informar os achados a partir da compilação dos dados contidos nas fichas. Por fim, no terceiro capítulo discutimos o vestibular a fim de compreendê-lo como uma estratégia de seleção, por meio das provas práticas, daqueles considerados aptos às exigências do curso de Educação Física.

2 AS PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: DIÁLOGOS COM ESTUDOS HISTÓRICOS RELATIVOS À BIOMETRIA E À BIOTIPOLOGIA

No movimento de análise das fontes primárias desse estudo, as fichas Morfo-Fisiológicas e as fichas de exames clínicos, nos pareceu evidente a presença de práticas de medição do corpo representadas pelos campos biomédicos da biometria e da biotipologia. Veiculados em livros científicos, manuais, como também em práticas pedagógicas, através da disciplina de biometria, esses conhecimentos científicos, intimamente ligados à Educação Física, confere a esta, parâmetros de medição e de classificação dos sujeitos. Estes parâmetros podem ser observados em alguns itens das fichas, entre eles, a Classificação étnica/cor e o Biotipo⁵, por exemplo.

A partir desses indícios, buscou-se aqui um diálogo com estudos relativos às práticas científicas citadas, sobretudo com o objetivo de compreender as formas de utilização pela Educação Física desses conhecimentos biomédicos.

Trazemos portanto, a definição de Gomes de Sá (1974) cujo termo biometria é derivado do grego – *bios* (vida), e *metron*, (medida); entendido, assim, como medida da vida, sendo assim, “a ciência que procura traduzir numericamente os fenômenos biológicos, estabelecendo relações entre os dados assim obtidos, com o fim de determinar as leis que o regem” (idem, p.11). Esse campo de conhecimento que remonta aos anos finais do século XIX, conforme afirma Vimieiro Gomes, Silva e Vaz (2011), objetivava determinar as leis que regem os fenômenos biológicos a partir de um tratamento estatístico dos dados obtidos.

Além disso, pode-se dizer que a biometria nada mais é que uma proposta de Biologia quantitativa, ou seja, é a materialização de um ideário próprio das ciências biomédicas com pretensões de objetivar e normatizar os fenômenos da vida (VIMIEIRO-GOMES, VAZ, SILVA, 2011). No entanto, uma grande dificuldade enfrentada nos estudos da biometria está na enorme variabilidade dos fenômenos biológicos, “pois não encontramos dois homens iguais, apresentando, portanto, os componentes da raça humana, características diferentes de indivíduo para indivíduo” (GOMES DE SÁ, 1974, p.13). Corroborando essa ideia Gomes de Sá ainda argumenta:

⁵ Ver figuras 2 e 5.

[...] as dissemelhanças entre os representantes da raça humana se verificam de indivíduo para indivíduo, tornou-se imperativa a criação de uma ciência que procurasse sobrepujar essas dissemelhanças, pelo menos parcialmente, dando-nos uma ideia global, esquemática e ao mesmo tempo panorâmica do que é, e do que pode o Homem. Esse tipo de ciência, que procura vencer as impressionantes barreiras assinaladas, nada mais é do que a Biometria. (1974, p.13)

Vários domínios de conhecimento ancorados em diversos modelos de quantificação dos fenômenos corporais foram então reunidos pela biometria. Entre eles Vimieiro Gomes, *et al* (2011) observa a participação das medidas morfológicas. Estas aparecem nas Fichas Morfo-fisiológicas nos campos relacionados à mensuração de peso, altura, envergadura e circunferências (tórax, abdômen, cabeça)⁶. Além disso, nota-se a presença da fisiologia, esta também é mobilizada pela biometria, sobretudo, ao examinar a pulsação, a capacidade respiratória, a pressão arterial, entre outras medidas que se fazem presentes nas fichas de exames clínicos.

Uma vez realizadas as quantificações, estas estiveram vinculadas as qualificações dos corpos das pessoas. “As medidas biométricas serviam também de base para a determinação de parâmetros de classificação: os biótipos” (VIMIEIRO-GOMES; SILVA; VAZ, 2011, p.6). Constatou-se portanto, que a biometria esteve “relacionada e, por vezes, se confundia, com outro campo de conhecimento biomédico: a biotipologia” (idem).

Fazendo uma comparação com a antropologia que tem por objetivo a identificação dos traços comuns entre os sujeitos, buscando assim, as semelhanças, a biotipologia, em contrapartida, dedicava-se a detecção das diferenças entre os indivíduos (VIMIEIRO-GOMES, 2011). Todavia, “essa ênfase na individualidade comportava uma ambiguidade, pois, ao mesmo tempo, assumia-se que seria impossível apreender ‘as infinitas variações individuais’” (VIMIEIRO-GOMES, 2011, p.03). Ou seja, primeiro detectava-se o particular sobre a biologia de cada um para, em seguida, enquadrar os indivíduos em tipos ou “biótipos”.

Entendemos, portanto, que o biótipo é caracterizado por quantificações corporais que recebem tratamento matemático e estatístico com o intuito de

⁶ Ver figura 3.

desenvolver classificações das características corporais dos indivíduos (VIMIEIRO-GOMES, 2012). Pensando especificamente nas fichas analisadas, encontrados três classificações biotipológicas: normolíneo, brevilíneo e longilíneo que serão abordadas no decorrer desse trabalho.

Mobilizadas complementariamente pela Educação Física, a biometria e a biotipologia objetivavam a normatização dos corpos. Vimieiro Gomes *et al* (2011) relata indícios dessas práticas no Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, presentes na *Revista de Educação Física do Exército* nas décadas de 1930 e 1940.

Era preciso classificar “segundo o seu valor físico”, controlar periodicamente os resultados dos exercícios, medir aspectos morfológicos dos corpos. As classificações eram feitas segundo modelos estrangeiros. Considerando os “traçados de cada um dos examinados”, buscava-se classificar “o tipo a que o mesmo pertence, suas qualidades e seus defeitos” (VIMIEIRO-GOMES *et al*, 2011, p.02).

No trecho citado, é explicitada a participação de modelos estrangeiros no embasamento das classificações realizadas em uma escola brasileira (a Escola de Educação Física do Exército). Assim, Vimieiro Gomes (2011, p.01) verifica que

A partir das evidências até então encontradas, parece que os padrões mais utilizados no Brasil foram aqueles provenientes de países Europeus como da Itália (Pende, Viola e Barbára), da França (Sigaud) e da Alemanha (Kretschmer). Estes parâmetros eram empregados para definir o “valor físico dos indivíduos”, caracterizar os corpos tidos normais, prever a “propensão de doenças” e ao crime, e ao fazê-lo, padronizar e produzir diferenças e hierarquias entre os grupos humanos, por meio de um suposto estado de normalidade dos corpos.

Desse modo, entre os modelos estrangeiros, destacamos uma importante influencia no Brasil da “escola italiana” de biotipologia, cujas classificações biotipológicas serão abordadas a seguir.

2.1 A escola italiana de biotipologia

Para esse estudo, especificamente, em se tratando de classificações biotipológicas, tomaremos como referência a influência da escola italiana, representada por Viola, que dialoga com as classificações encontradas nas fontes

primárias desse trabalho. Conforme nos indica Vimieiro Gomes “a dita ‘escola italiana’ parece ter sido o modelo mais adotado como referência para a biotipologia brasileira” (2012, p.710).

Viola então, era tido como um dos pais da escola italiana de biotipologia e, apoiando-se em dados morfológicos, propunha um padrão classificatório para os normotipos, braquitipos e longitipos. Essas classificações eram baseadas em uma proporção numérica de medidas antropométricas as quais: os normotipos apresentam simetria entre os troncos, membros e abdômen; os braquitipos possuem tronco maior que membros e abdômen maior que tórax; e os longitipos são aqueles com membros maiores que tronco e tórax maior que abdômen (RAMALHO, 1940 *apud* VIMIEIRO-GOMES, 2012, p.710).

Outro biotipologista da ‘escola italiana’ Mario Barbàra conhecido como um dos principais discípulos de Viola, desdobrou e atualizou no entanto, o modelo de seu mestre, “acrescentando um novo parâmetro, o mixotipo, além de ampliar e aperfeiçoar as equações das proporções das medidas corporais” (VIMIEIRO-GOMES, 2012, p.710). Adaptando, porém, o modelo classificatório de Mario Barbàra, o médico Waldemar Berardinelli propôs uma nova terminologia e um novo agrupamento de biótipos, conciliando os modelos de Viola e Barbàra, cuja proposta recebeu o nome de ‘classificação Barbàra-Berardinelli’. Tal proposta resume os tipos de Barbàra em formas “normolíneas, brevilíneas e longilíneas” (Idem). Formas estas que, conforme verificamos nas fichas dos alunos da Escola de Educação Física da UFMG, serviram de modelo para a classificação biotipológica dos alunos do curso⁷.

Então, dialogando com André Silva (2012, p.16), “entre as várias atribuições da biotipologia, uma estava no trabalho de mensurar e classificar corpos para então orientá-los a partir de suas especificidades e potencialidades”. De modo que as prescrições de determinadas atividades esportivas e/ou práticas corporais de movimento deveriam levar em consideração as ‘características constitucionais de cada sujeito’, demonstrando uma intenção clara de cultivar corpos mais produtivos.

Essa ideia de uma classificação dos sujeitos para então orientá-los a partir de suas especificidades e potencialidades pode ser observada, por exemplo, na escolha de atletas de modalidades que exijam o alto nível de rendimento esportivo. Em que geralmente no processo de seleção desses sujeitos, são descartados, na

⁷ Ver os dados na tabela 9.

maioria das vezes, aqueles que não apresentam um padrão biotipológico pré-definido para cada modalidade. Facilmente identificamos isso na ginástica artística, em que é favorável os atletas terem uma menor estatura que facilite os movimentos de rotação do corpo, no caso dos homens, por exemplo, um maior desenvolvimento do tronco e hipertrofia dos membros superiores que contribui na execução os elementos de força; também percebemos em provas do atletismo, como o salto em distância, na qual os longilíneos geralmente conseguem um melhor desempenho devido a um maior comprimento dos membros inferiores, e outros tantos esportes nos quais o tipo físico determina muitas vezes o sucesso na modalidade.

Além do biótipo, outra classificação foi encontrada nas fontes que balizam esse estudo, a classificação étnica (também tida como “cor”) é analisada adiante.

2.2 A classificação de Roquette-Pinto: leucodermos, xantodermos, melanodermos e faiodermos

Nas fichas Morfo-Fisiológicas encontramos um campo denominado “Classificação étnica (R.Pinto)” e que nas fichas de exames clínicos é representado pela palavra “cor”. Assim, buscamos compreender a relação do antropólogo e cientista Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), com as classificações utilizadas nesses documentos da década de 1970.

Conforme aborda Vanderlei Souza (2012) Roquette-Pinto “foi um dos intelectuais brasileiros mais dedicados ao estudo da realidade racial” (p.646). Suas pesquisas se destacariam pela utilização de métodos ainda pouco empregados no Brasil, que conciliavam técnicas da antropologia física, da biometria aos “estudos de caráter psicofisiológico da população brasileira” (Idem). Além disso, Roquette-Pinto também seria “o primeiro antropólogo do país a desenvolver um sistemático projeto de pesquisa sobre as características morfológicas dos diferentes ‘tipos raciais’, chegando mesmo a criar uma nomenclatura própria de classificação” (Ibdem).

Com isso, através do diálogo com a antropologia física europeia e norte-americana, Roquette-Pinto reuniu ao longo dos anos 1910 e 1920, sobretudo a partir de investigações realizadas no Rio de Janeiro, “dados que o levaram a propôr uma classificação ampla dos ‘tipos raciais’ brasileiros” (SOUZA, 2012, p.646). O antropólogo também realizou “estudos sobre o caráter psicológico da população nacional, dando especial atenção à relação entre raça e temperamento” (SOUZA, 2012, p.646). Todavia, seu interesse era o de produzir “um retrato antropológico capaz de revelar as características formadoras da identidade nacional, bem como avaliar a viabilidade biológica da população” (idem).

Com esse objetivo de retratar a formação racial da população brasileira, conforme abordado no trabalho de Souza:

Roquette-Pinto classificou os ‘tipos antropológicos’ em quatro grupos principais, seguindo nomenclatura por ele próprio proposta. Para o ‘tipo branco’, daria o nome de Leucodermos; para os mestiços originados do ‘cruzamento’ entre brancos e negros, de Phaiodermos; para os mestiços de brancos e índios, de Xanthodermos; para ‘tipo negro’, de Melanodermos. Outros ‘tipos raciais’ existentes no Brasil, como os Cafuzos [...], Xibáros e Caborés, não seriam incluídos em sua classificação por serem “numericamente insignificantes”. (ROQUETTE-PINTO, 1929 *apud* SOUZA, 2012, p.655).

Assim, tratando-se de percentuais, os Leucodermos representariam mais da metade da população, 51%; os Phaiodermos, 22%; os Xanthodermos, 11%; os Melanodermos 14% e os indígenas seriam compostos por 2% do total (SOUZA, 2012). Esses achados de Roquette Pinto corroboram os resultados da classificação étnica analisada nas fichas pois, conforme será mostrado no decorrer desse trabalho⁸, os classificados como leucodermos representam a maioria dos sujeitos, seguidos pelos faiodermos, e dos melanodermos que constitui a minoria dos alunos analisados.

Além disso, cabe destacar que, apesar da nomenclatura referir-se a cor da pele essa característica não era necessariamente a de maior destaque nos estudos de Roquette-Pinto. Em suas análises classificatórias importava considerar, primeiramente, “os índices cefálico e nasal, a estatura, o perímetro torácico, o tipo de cabelo e a cor dos olhos”, caracteres os quais “seriam herdados segundo a lógica mendeliana, independentes dos fatores geográficos ou climáticos” (SOUZA, 2012, p.656). Sendo assim, Roquette Pinto baseou-se, sobretudo, no argumento de que os referenciais biotipológicos já popularizados pelos brasileiros (brancos, mulatos, negros e pardos) não tinham um caráter científico, ancorados, somente, em aspectos raciais empiricamente descritivos como a cor da pele, sendo insuficiente para uma classificação mais segura.

Identificamos portanto, a partir de indícios no trabalho de SOUZA (2012) um protagonismo do antropólogo Roquette Pinto na elaboração de um “amplo retrato antropológico do país por meio do qual procurou revelar as características raciais formadoras do Brasil” (p.645) nos anos iniciais do século XX. Nota-se a importância do seu trabalho, por suas classificações servirem de referência às classificações encontradas nas fichas Morfo-Fisiológicas utilizadas pela Escola de Educação Física em seus alunos. Revelando assim, uma apropriação desses saberes pela Educação Física no que se refere às práticas de medição do corpo e posterior classificação dos sujeitos.

⁸ Ver tabela 8.

3 O QUE DIZEM AS FONTES: AS FICHAS DOS ALUNOS DA DÉCADA DE 1970

3.1 O Gabinete Médico

A Escola de Educação Física da UFMG, na década de 1970, durante o período que antecede a inauguração do prédio, no campus Pampulha, em dezembro de 1977, realizou suas atividades, na rua Cel. Geraldo Pinto de Souza, nº 112, bairro Gameleira⁹. Neste endereço, exames biométricos foram realizados semestralmente, no Gabinete Médico da Escola (figura 1).



Figura 1. Gabinete Médico da escola de Educação Física. Coleção iconográfica do CEMEF/UFMG.

Nessa foto encontrada no acervo do CEMEF é possível localizar alguns instrumentos de medição do corpo, como uma balança de precisão, um espirômetro

⁹ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 13/ Pt 09.

(medidor da capacidade vital que “fornece indicações complementares sobre a função respiratória”¹⁰) entre outros materiais utilizados nos exames biométricos.

Em relatório do Serviço Médico datado de outubro de 1970, endereçado ao diretor da Escola, e assinado por Octavio Horta, médico responsável pelo setor, é comprovada, entre outras coisas, a existência do gabinete:

O Gabinete Médico está localizado em uma sala de 28 m², de um dos prédios da Escola, ao lado dos motores do Poço Artesiano, do salão de aulas de Judô e Box e do salão de danças com seu piano, em tal situação acústica que recebe o impacto de todo o som proveniente dessa vizinhança, de inegáveis efeitos sobre quem aí trabalha durante 4 horas continuadas. Tem como atendentes efetivos um médico que redige e assina o presente, e uma enfermeira, Nilza Rabelo.¹¹

Além disso, o documento também informa sobre os exames biométricos:

Foram feitos os exames biométricos previstos no cronograma para os meses de março e junho, embora realizados espaçadamente em obediência as possibilidades dos horários semanais e ao tempo gasto para executá-los. Devido a essas contingências, nem todos os dados biométricos puderam ser tomados e registrados nas fichas individuais, notadamente as pesagens mensais. Contudo sempre foram obedecidas as determinações da Coordenação.¹²

O Serviço Médico, além do encargo dos exames biométricos, também foi um setor procurado para consultas e orientações médicas; por realizar atendimento em caso de acidentes e, de acordo com a gravidade, o aluno era medicado “ou então enviado ao Pronto Socorro mantido pelo Hospital Sarah Kubitschek”¹³. Além disso, também foi responsável por emitir “justificativa ou dispensa, por meio de declaração escrita do médico”¹⁴ informando, nesses casos, que “o aluno não possui condições de saúde próprias para participar de aula prática ou teórica”¹⁵; além de dar “visto em

¹⁰ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 13/ Pt 03.

¹¹ Idem.

¹² Ibidem.

¹³ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 13/ Pt 03.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem.

atestados de médicos estranhos, para efeito de abono de faltas ao trabalho ou às aulas.”¹⁶

Tais atividades foram registradas no “Livro de Ocorrências do Serviço Médico”¹⁷ por meio do qual se fazia o controle dos encargos realizados diariamente pelos funcionários do setor. Este livro localizado no acervo do CEMEF/UFMG possui registros dos anos 1968 a 1971. A maioria das ocorrências está assinada pelo médico Octávio Horta indicando, dessa forma, uma intensa participação do mesmo, no Setor Biométrico.

Sobre esse médico, em documentação presente no acervo do CEMEF/UFMG, referente aos funcionários da Escola de Educação Física, identificamos a presença de Octávio Horta desde junho de 1954, ano em que foi admitido como médico da instituição. Assim permaneceu, segundo indícios, até o início da década de 1970. Pois, em documento assinado pelo então diretor da Escola Pedro A. Veado Filho, datado de 1974, é ressaltado o interesse da Escola em relatar o médico para outra unidade ou órgão da UFMG, devido, entre outros motivos, ao fato do referido funcionário não ser especializado em Medicina Desportiva conforme o encargo assim o exigia¹⁸. Além disso, não encontramos documentações desse médico nos demais anos da década de 1970, o que pode indicar um desligamento do mesmo, e/ou transferência para outra unidade depois do período citado.

Outro personagem aparece nas fontes como importante referência do Setor Médico na década de 1970. Francisco Velloso Meinberg cuja assinatura aparece nas fichas de exames clínicos desse período, e que também é citado no livro de ocorrências como um dos médicos que esteve presente na realização dos exames médicos do vestibular de Educação Física no ano de 1970.

Como um sujeito importante da história do curso de Educação Física, o médico-militar Francisco Meinberg, mineiro, nascido em Três Pontas, se formou em Medicina Especializada em Educação Física na Escola do Exército em 1933. Vimieiro-Gomes e Braghini nos informam que “Meinberg era o médico responsável

¹⁶ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 13/ Pt 03.

¹⁷ VER REFERÊNCIA.

¹⁸ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 23/ Pt 07.

pela realização dos testes físicos realizados periodicamente ao longo do curso de Educação Física” (2013, p.99). Além disso, foi docente dessa instituição até se aposentar em 1990.

Assim, conjectura-se a participação desses sujeitos na realização dos exames biométricos. De modo que, conhecer esses personagens é o primeiro passo para a construção da narrativa.

3.2 As fontes primárias: análise dos dados encontrados

As fichas clínicas e as fichas Morfo-Fisiológicas localizadas no fundo institucional “Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (1969-1980)” presentes no acervo do CEMEF/UFMG, correspondem ao período de 1970 a 1989. Embora, recentemente, tenha sido encontrada, junto aos documentos ainda não classificados, uma ficha datada de 1952. O que evidencia a existência de uma prática que remonta aos primórdios da criação da Escola de Educação Física em Belo Horizonte.

Para esse estudo então, foram analisadas, entre essas fontes documentais, as que correspondem à década de 1970. Desse modo, destacaremos aqui os dois modelos de fichas encontrados no acervo.

Representada na figura 2 está o modelo intitulado Ficha Morfo-Fisiológica. Esta é uma das fichas do ano de 1973.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FICHA MORFO-FISIOLOGICA

Nome _____

Idade 27a Estado Civil solteiro Data 9-05-73

Nacionalidade Brasileira Naturalidade Leopoldo (Pedro) MG

Classificação étnica (R. Pinto) Leucodermis

Curso Superior de Ed. Física

Série 1ª Turma A N.º de Matrícula _____

cancelar

ANAMNESE ESPORTIVA

Sempre de pouca vivência esportiva, entretanto já praticou judô e ciclismo. Já praticou a Liliã esportiva há mais ou menos 10 anos

Figura 2. Ficha Morfo-Fisiológica da Escola de Educação Física da UFMG (frente), 1973.

Como é possível verificar, essa parte externa do documento contém alguns dados pessoais e um campo reservado à anamnese esportiva, local onde são escritas as modalidades praticadas e a ocorrência de acidentes, podendo estes serem ocasionados durante a prática esportiva ou não.

Na parte interna a configuração se dá por meio de linhas e colunas destinadas ao preenchimento de medidas morfológicas (peso, altura, envergadura, busto, pernas, perímetro torácico - repouso, inspiração e expiração -, perímetro abdominal, diâmetro bi-acromial, diâmetro bitrocantariano). Medidas funcionais (capacidade vital, apnéia voluntária, força manual - direita e esquerda -, força lombar - tração). Medidas raciais (Crânio – largura e comprimento -, nariz – largura e altura). Como também elementos a calcular (elasticidade torácica, índice ponderal, índice – cefálico e nasal).

ELEMENTOS

Peso	55.500	2.400	2.4.75	75.000
Altura	1.53	1.62	46	78.100
Envergadura	1.53			
Busto	78			
Pernas	78			
Perímetro torácico	78	78		
Perímetro abdominal	78	78		
Diâmetro bi-acromial	78	78		
Diâmetro bitrocantariano	78	78		
Capacidade vital	3.000	3.400		
Apnéia voluntária	3.400	3.400		
Força manual	3.400	3.400		
Força lombar	3.400	3.400		
Crânio	3.400	3.400		
Nariz	3.400	3.400		
Elasticidade torácica	3.400	3.400		
Índice Ponderal	3.400	3.400		
Índice Cefálico	3.400	3.400		

PROVA DE BÚRGER

Atividade	10 seg	20 seg	30 seg	40 seg	50 seg
200					
180					
160					
140					
120					
100					
80					
60					
40					
20					
0					

OBSERVAÇÕES

Controle Tensio-Esfigmométrico do Exercício

Atividade	Antes do Exercício										Durante o Exercício										Depois do Exercício									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
180																														
160																														
140																														
120																														
100																														
80																														
60																														
40																														
20																														
0																														

OBSERVAÇÕES

EXERCÍCIO: _____

TEMPO: _____

DATA: _____

Figura 3. Ficha Morfo-Fisiológica da EEFMG (parte interna), 1971. Fundo Institucional II, CEMEF/UFMG.

Ainda na parte interna (figura 3) há uma tabela referente ao chamado Controle Tensio-Esfigmométrico do Exercício. Que visa registrar alterações na pressão arterial, ou seja, máxima e mínima, como também as variações da frequência de pulso. Em ambos os casos, os registros seriam realizados antes, durante e após o exercício.

Por fim na parte de trás da ficha há uma tabela (figura 4) destinada ao registro da curva de peso e altura. Cabe ressaltar que essas três últimas tabelas não estão

preenchidas em nenhuma das fichas analisadas, o que pode indicar a não realização desses testes e medições no período investigado.

The image shows a blank Morfo-Fisiológica form from 1971. The form is designed for recording weight and height data over a 12-month period. It features a grid with 12 columns representing months (1º to 12º MES) and 10 rows representing height measurements (1.50 to 1.90). The header section is labeled 'PESO IDEAL PELA TABELA' and the footer section is labeled 'CURVA DE PESO (1) E ALTURA (2)'. The form is oriented vertically on the page.

Figura 4. Ficha Morfo-Fisiológica da EEFMG (parte interna), 1971. Fundo Institucional II, CEMEF/UFMG.

Além das fichas Morfo-Fisiológicas outro modelo utilizado são as fichas que, apenas informam o nome do setor, sendo este Biomédico ou Biométrico (figuras 5 e 6), nomeadas para esse estudo como fichas de exames clínicos. Estas não possuem título e podem ser complementares as Morfo-Fisiológicas. Visto que em muitos casos elas aparecem uma anexada à outra.

Algumas informações são similares nas duas fichas, como os campos nome, estado civil, naturalidade, peso, altura entre outros.

No entanto, outro fato que corrobora a hipótese de serem fichas complementares é o de que a ficha que informa o setor objetiva o registro de outro

tipo de informação diferente das encontradas na Morfo-Fisiológica. Mesmo que alguns campos sejam comuns aos dois modelos, a ficha do setor Médico Biométrico contém campos destinados ao registro de: tabagismo, etilismo, menstruações, exame geral, pele, panículo adiposo, esqueleto, permeabilidade nasal, coluna vertebral, musculatura (figuras 5 e 6), sistema respiratório entre outros, que não são encontrados nas Fichas Morfo-fisiológicas.

I.P.=ref

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Setor Médico Biométrico

Doc. Ident. 837381 Data nasc. 22/8/42 Sexo F Data 19/01/72

Est. Civil solt Naturalidade Jamana Procedência Jamana

QUEIXAS

ANAMNESE Tabagismo Não Etilismo Não Menstruações Normais
Schistosomose, tendo se tratado.
Natação desde criança sem acidentes

EXAME GERAL Bm Cór Lenc Biotipo Normais Altura 162 Pêso 45.700

Pele N Mucosas C

Panículo adiposo RD Musculatura RD

Esqueleto N Col. vertebral Normal

Permeabilidade nasal Bm Focos de infecção Não

Defeitos físicos Não

SISTEMA RESPIRATÓRIO B

Figura 5. Ficha de exames clínicos /Setor Médico Biométrico (frente).

SISTEMA CIRCULATORIO	Pr.arterial	Mx 100	Mm 60	Pulso 76
SISTEMA DIGESTIVO	B			
SISTEMA URO-GENITAL	B			
SISTEMA NEURO-SENSORIAL				
OUTROS DADOS				
OBSERVAÇÕES	N			
Médico - CRNMG				

Figura 6. Ficha de exames clínicos/ Setor Médico Biométrico (verso).

Além disso, as fichas de exames clínicos também são encontradas na cor verde conforme anexo.

Cabe ressaltar que, entre as fichas analisadas algumas possuem exames médico-clínicos anexados e que não serão explorados nesse estudo.¹⁹

¹⁹ Ver anexo.

3.3 Dos dados encontrados

Após a seleção de aproximadamente 200 fichas, de acordo com a demarcação temporal desse estudo, foram elencados alguns campos para a apuração do conteúdo dos documentos. Estes, a saber:

- Data da ficha;
- Sexo;
- Estado civil;
- Naturalidade/ Nacionalidade/Procedência;
- Queixas;
- Tabagismo
- Etilismo;
- Anamnese esportiva;
- Classificação étnica/ Cor;
- Biotipo;

Através de uma análise, nesse primeiro momento, quantitativa, nos foi possível identificar algumas características dos alunos da Escola de Educação Física da década de 1970.

Primeiramente, identificamos que a quantidade de sujeitos analisados nas fichas corresponde aos valores representados na tabela abaixo. E esses sujeitos são, na sua maioria, provenientes da cidade de Belo Horizonte.

Sujeitos	Homens	Mulheres
Número	77	103
Porcentagem	43%	57%

Tabela 2. Sexo.

Notamos na tabela um maior número de mulheres presentes nas fontes. Uma hipótese que pode explicar tal fato é a existência, nessa época, do curso de Educação Física Infantil destinado às normalistas. Este curso também era oferecido pela Escola de Educação Física assim como os de Medicina Especializada, Superior de Educação Física, Técnica Desportiva e Massagem.

Além disso, no conjunto documental estudado, percebemos que algumas pessoas possuem mais de uma ficha, referentes há anos distintos. Com isso, foi necessário identificar os sujeitos que aparecem em mais de um documento, e o critério adotado foi o de agrupá-los no ano em que realizaram o primeiro exame. Dessa forma, a partir do agrupamento, características que anunciam um perfil dos alunos da Escola de Educação Física puderam ser notadas.

O estado civil (tabela 3) é um dos campos constantes nas fichas. Nele percebemos que a condição de solteiro é recorrente à grande maioria dos alunos.

Estado Civil			
Ano	Casado	Solteiro	Não informou ou não identificado
1970	0	1	0
1971	0	1	0
1972	4	54	4
1973	1	6	0
1974	0	2	0
1975	4	5	0
1976	1	13	1
1977	3	17	0
1978	8	19	1
1979	1	34	0
Total	22	152	6
Porcentagem	12,2%	84,4%	3,3

Tabela 3. Estado civil.

Tal fato pode ser considerado, de certa forma, previsível, visto que a média de idade dos alunos, no período pesquisado, estava em torno dos 21 anos, sendo, portanto, sujeitos jovens.

Outro tópico, representado na tabela 4 é o campo “queixas”. Este é destinado ao relato de problemas de saúde em geral. Percebe-se que grande parte das pessoas não apresentam nenhum tipo de queixa. Ainda assim, entre os problemas que são relatados podemos citar: alergia, amigdalite, enjoo, tonteira, giárdia, dores, cansaço, enxaqueca, reumatismo, hepatite, diarreia, asma e miopia. Além de problemas na coluna, manchas escuras no tórax, e informes sobre a realização de

intervenções cirúrgicas. Compreendemos assim que, em geral, tratam-se de pessoas saudáveis e que, em alguns casos, relatam episódios de adoecimento.

Queixas			
Ano	Sim	Não	Não informou ou não identificado
1970	0	1	0
1971	0	0	1
1972	1	50	11
1973	1	6	0
1974	1	1	0
1975	2	6	1
1976	1	9	5
1977	3	11	6
1978	5	17	6
1979	10	19	6
Total	24	120	36
Porcentagem	13,3%	66,6%	20%

Tabela 4. Queixas.

Também foi analisado o consumo de bebidas alcoólicas e o uso de cigarros. Na tabela 5 verifica-se que mais da metade das pessoas informaram não beber e/ou fumar. Ainda assim, nota-se que, em relação ao etilismo o número de pessoas que ingerem álcool é maior do que as que se dizem fumantes.

Interessante destacar também que entre os sujeitos que bebem e/ou fumam muitos ao responderem os campos tabagismo e etilismo escreveram “socialmente”, “pouco” ou “às vezes” para informar o uso de tais substâncias. O que pode denunciar certo constrangimento no momento de fornecer tais informações.

Tabagismo				Etilismo		
Ano	Sim	Não	Não Informou ou não identificado	Sim	Não	Não Informou ou não identificado
1970	0	1	0	1	0	0
1971	0	1	0	0	1	0
1972	18	44	0	15	47	0
1973	2	3	2	0	4	3
1974	0	2	0	1	1	0
1975	4	5	0	0	9	0
1976	3	6	6	3	4	8
1977	4	13	3	6	11	3
1978	7	20	1	14	12	2
1979	11	22	2	19	14	2
Total	49	117	14	59	103	18
Porcetagem	27,2%	65%	7,7%	32,7%	57,2%	10%

Tabela 5. Tabagismo e Etilismo.

Diferentemente dos outros tópicos, a anamnese esportiva (tabela 6) é destinada ao relato da vida esportiva do aluno, ainda que, em alguns casos, sejam relatadas práticas não esportivas, como *ballet* por exemplo.

Também é aqui que são informados os acidentes ocorridos durante a prática de alguma modalidade, ou acidentes extra esportivos, ocasionados fora do ambiente da prática. Entre os acidentes informados alguns são recorrentes, como ocasiões de fraturas, torções, deformações anatômicas, cirurgias, problemas no joelho, rupturas de tendão e ligamentos, luxações, distensões e etc.

No que diz respeito às atividades realizadas cabe ressaltar que mais de 80% dos alunos informaram praticar ou já ter praticado algum esporte ou atividade física. O que pode demonstrar que a maioria das pessoas ingressantes no curso de Educação Física tem ou já teve, de alguma forma, uma vivência prática e/ou esportiva que pode ter exercido influência ou não na escolha do curso.

Além disso, na anamnese esportiva também são informados os acidentes sofridos durante a realização de atividades físicas ou fora delas. Conforme mostrado na tabela 6, verificamos que 55,5% dos sujeitos responderam não ter sofrido

nenhum acidente. E, dentre os que disseram já ter se acidentado, na maior parte dos casos, esses episódios estão atrelados à prática de alguma atividade física.

Anamnese Esportiva						
Ano	Práticas			Acidentes		
	Sim	Não	Não Informou ou não identificado	Sim	Não	Não Informou ou não identificado
1970	1	0	0	0	1	0
1971	1	0	0	0	1	0
1972	44	0	20	13	30	19
1973	4	0	3	5	1	1
1974	2	0	0	1	1	0
1975	8	0	1	1	7	1
1976	11	1	3	6	6	3
1977	18	0	2	5	13	2
1978	28	0	0	7	16	5
1979	35	0	0	11	24	0
Total	150	1	29	49	100	31
Porcentagem	83,3%	0,5%	16,1%	27,2%	55,5%	17,2%

Tabela 6. Anamnese esportiva.

Ademais, nos foi possível listar as atividades práticas (sendo elas esportivas ou não), visualizadas na tabela 7, as quais são relatadas na anamnese, e que nos permite identificar aquelas com maior número de adeptos. Desse modo, verificou-se que, das 150 pessoas que disseram praticar alguma atividade 60% desse número está representado pela natação. Sendo o esporte mais praticado pelos alunos do curso representados nas fichas. Também se destaca o vôlei como segundo esporte mais praticado, seguido do ciclismo e do *foot-ball*.

Entendemos que os sujeitos analisados, não necessariamente são atletas das modalidades (constantes na tabela abaixo). Mas, de maneira indiciária, podemos dizer que essas pessoas provavelmente praticavam as atividades em clubes

existentes na cidade, e em alguns casos foi relatado que as práticas esportivas por exemplo, se deram nos colégios, durante o percurso escolar que antecedeu a entrada dos sujeitos na faculdade.

Práticas	Total	Porcentagem
Judô	8	5,3%
Natação	90	60%
<i>Foot-ball</i>	49	32,6%
Basquet	27	18%
Volei	80	53,3%
Ciclismo	55	36,6%
<i>Hand-ball</i>	34	22,6%
Ginástica	20	13,3%
Remo	1	0,6%
Corrida	4	2,6%
Atletismo	21	14%
Peteca	5	3,3%
Tênis	2	1,3%
Karate	1	0,6%
Capoeira	1	0,6%
Halterofilismo	1	0,6%
Danças	3	2%
Ballet	2	1,3%
Patinação	1	0,6%

Tabela 7. Práticas relatadas na anamnese.

Classificação étnica/Cor				
Ano	Leucodermo	Melanodermo	Faiodermo	Não Informou ou não identificado
1970	1	0	0	0
1971	1	0	0	0
1972	56	0	4	2
1973	6	0	0	1
1974	2	0	0	0
1975	8	1	0	0
1976	14	0	1	0
1977	18	1	0	1
1978	25	1	1	1
1979	30	2	3	0
Total	161	5	9	5
Porcetagem	84,4	2,7	5	2,7

Tabela 8. Classificação étnica (R. Pinto).

No tópico, “cor” ou “Classificação étnica”, este último conforme consta na ficha Morfo-Fisiológica, é uma classificação baseada no modelo de Roquette Pinto. Na sua obra “*Ensaio de antropologia brasileira*”, 1933, esse autor apresenta uma classificação para os tipos antropológicos brasileiros: leucodermos, xantodermos, melanodermos e faiodermos (VIMIEIRO-GOMES, 2011). Essa classificação, conforme abordada anteriormente, foi utilizada pela Educação Física como um parâmetro de enquadramento dos sujeitos respaldado por pressupostos já existentes. Com isso constatamos que a maior parte dos alunos, 84,4% deles, são considerados brancos o que pode ou não corresponder as características da população brasileira na década de 1970.

O mesmo ocorre com o “biótipo” cujos dados estão representados na tabela 9. Visto que as classificações biotipológicas utilizadas como referência no Brasil, tiveram sua origem em Escolas italianas. Desse modo as três classificações biotipológicas encontradas nas fichas (normolíneo, brevilíneo e longilíneo) representam modelos de corpos baseados em medidas que relacionam o comprimento dos segmentos corporais: tronco e abdômem com os membros

inferiores. Medições e parâmetros estes já existentes e que serviram de “molde” para a Educação Física no sentido de classificar e padronizar os sujeitos.

Biotipo				
Ano	Normolíneo	Longilíneo	Brevilíneo	Não Informou ou não identificado
1970	1	0	0	0
1971	1	0	0	0
1972	33	2	4	23
1973	6	0	1	0
1974	2	0	0	0
1975	8	0	0	1
1976	10	0	0	5
1977	15	4	0	1
1978	21	1	1	5
1979	26	2	1	6
Total	123	9	7	41
Porcetagem	68,3%	5%	3,8%	22,7%

Tabela 9. Biotipo.

Compreendemos portanto, que a “população” de alunos da Educação Física representada nas fichas, é caracterizada por um conjunto de sujeitos que na sua maioria são provenientes da cidade de Belo Horizonte, solteiros, de cor branca, biótipo normolíneo, praticantes de alguma atividade física ou modalidade esportiva, não fumantes. E que não tem o hábito de ingerir bebida alcoólica, pessoas relativamente saudáveis ou pelo menos com ausência de doenças, e que apresentam poucas queixas relacionadas à saúde.

Cabe ressaltar que esse perfil leva em conta somente a maioria dos sujeitos, desconsiderando portanto, os desviantes. Sobretudo, essa análise está sendo realizada somente considerando as pessoas representadas nas fichas do acervo do CEMEF/UFMG. Entendendo principalmente, que esta tentativa de identificação de um perfil pode não ser fidedigna a todo o conjunto de alunos que se formaram na Escola de Educação Física da UFMG no período de 1970 a 1979. Pois, embora o

conjunto documental analisado represente uma certa quantidade de sujeitos, muitos outros não estão sendo considerados nesse trabalho. Por motivos diversos que vão desde a ausência nas medições e nos exames, como a impossibilidade de acesso, para essa pesquisa, a outras fichas por terem sido perdidas no processo de guarda da documentação no “arquivo morto”, por exemplo.

Ainda assim, sabendo das limitações desse estudo, e ao mesmo tempo compreendendo o potencial de pesquisa que as fontes principais nos revelam, procuramos estabelecer uma relação entre os sujeitos analisados e o processo de ingresso no curso. Visto que os critérios exigidos aos candidatos, para serem selecionados no vestibular, perpassaram além dos conhecimentos necessários às provas intelectuais, às exigências de uma aptidão física mínima no que diz respeito a provas práticas. Considerando que estas sofreram alterações ao longo dos anos 70. É esse percurso histórico e as implicações na seleção dos candidatos ao curso que serão abordados a seguir.

4 SELEÇÃO DOS “MAIS APTOS À EXIGÊNCIA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA”: AS PROVAS PRÁTICAS DO EXAME VESTIBULAR

No processo de seleção dos candidatos ao curso de Educação Física, diferentes foram às concepções, ideais e interesses daqueles encarregados pelo exame vestibular ao longo dos anos 70. Alterações na configuração das provas do vestibular ocorreram tanto no âmbito da avaliação intelectual quanto no que se refere às provas práticas. Estas últimas transitaram de um modelo de cunho obrigatório e eliminatório dos candidatos, para uma versão que, mesmo mantida a sua obrigatoriedade de realização, objetivava, a partir do resultado obtido pelo candidato, estimular ou desaconselhar o mesmo a realizar a matrícula no curso. Tornando-se assim, provas de “caráter aconselhatório”.

Em dissertação de mestrado intitulada “O significado das provas de aptidão específica nos vestibulares da Escola de Educação Física de Minas Gerais”, Ronaldo Rezende (1993) se dedica a explorar a trajetória do vestibular de 1952, data da criação da primeira Escola em Belo Horizonte, até 1993, ano em que a dissertação é apresentada.

Especificamente nesse capítulo, pretendemos discutir os detalhes da elaboração e da aplicação das provas práticas do vestibular no decorrer dos anos 70 a partir do diálogo com o trabalho supracitado e com fontes encontradas do acervo do CEMEF/UFMG sobre o tema. Estabelecendo assim, conexões que nos possibilite compreender o vestibular e os seus desdobramentos na seleção dos sujeitos do curso.

Para o cumprimento de tal objetivo faz-se necessário voltar um pouco no tempo, mais precisamente nos primeiros vestibulares realizados pela Escola de Educação Física em Belo Horizonte. Esta instituição, ancorada em princípios que regeram a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), reproduziu quase tudo do modelo instituído por esta última, inclusive o que diz respeito ao processo de seleção dos candidatos ao seu curso (REZENDE 1993).

Ronaldo Rezende versa sobre a provas práticas do vestibular da Escola de Educação Física, em 1952 e os testes a serem realizados:

as provas físicas realizadas por seus candidatos em 1952 constaram de: corrida de velocidade; corrida de resistência; salto em altura com impulso; salto em distância com impulso; trepar na corda (somente para candidatos do sexo masculino); lançar (arremesso de peso); natação (1993, p.33).

As performances físicas dos candidatos ao curso, inicialmente eram avaliadas nos vestibulares com base nos “parâmetros constantes na Portaria n. 488/39, que definiu os testes de habilidade específica e seus respectivos índices mínimos aceitáveis para os candidatos à ENEFD” (REZENDE, 1993, p.34).

No entanto, Rezende acrescenta:

A partir do vestibular de 1956, novos índices mínimos foram determinados pela Divisão de Educação Física do Ministério de Estado da Educação e Cultura, seguindo a determinação da Portaria n. 346/55. Assim, todas as provas, tanto intelectuais quanto físicas, valeriam 10 pontos no máximo. Seria considerado habilitado o candidato que obtivesse no mínimo a nota 3 em cada uma dessas provas, no mínimo a média 5 entre as provas intelectuais e, no mínimo, a média 5 entre as provas físicas.[...] Em caso de empate levar-se-ia em conta a vocação do candidato pela apreciação de seus antecedentes nas atividades de Educação Física (1993, p.35).

Essa proposta que considerava média de nota 5 em provas físicas e intelectuais para aprovação do candidato perdurou até ano de 1968. Contudo, com a incorporação da Escola de Educação Física à UFMG, em 1969, surgiram questionamentos no que se refere ao currículo da Escola e do seu vestibular. A UFMG e demais universidades brasileiras nesse período, atendendo a normas federais, incorporaram a proposta do Vestibular Único, resultante da Reforma do Ensino Superior em 1968²⁰. Essa reforma instituiu o vestibular unificado por região, expresso pelo art. 21 da Lei n. 5.540/68 e modificou os critérios para entrada no curso (REZENDE, 1993).

Nessa proposta de vestibular, a ocupação das vagas oferecidas se daria pelo critério da classificação, em substituição ao modelo que vigorava até o ano de 1968. Antes da Reforma Universitária, quem conseguisse no mínimo a nota 5 estava aprovado e as vagas eram preenchidas pelos candidatos, desse grupo, que obtivessem as melhores notas. [...] O modelo do vestibular unificado acaba, desse modo, com o critério da nota mínima 5, e passa a aprovar os candidatos melhor classificados, correspondentes ao número de vagas oferecidas (REZENDE, 1993, p.51-52).

²⁰ Entre seus objetivos estava o de conter as manifestações da população em relação ao aumento desproporcional do número de candidatos e de vagas oferecidas pelas instituições de ensino superior no país (REZENDE, 1993).

Diante disso, a UFMG adotou então, o Vestibular Único para os seus cursos, de modo que essa unificação se deu não somente no âmbito da execução do vestibular, mas, inclusive, adotando os mesmos conteúdos nas provas intelectuais para todos os cursos. Embora tenha sido aprovada a proposta do vestibular unificado, a Escola de Educação Física, somente no ano de 1971, se inseriu nesse processo (REZENDE, 1993). Em ofício enviado à reitoria, o então diretor da Escola, Herbert de Almeida Dutra, solicita ao vice-reitor o adiamento, para o ano de 1971, da inclusão do vestibular do curso Superior de Educação Física no Vestibular Único da UFMG. Na correspondência o diretor argumenta:

Um dos motivos mais fortes é o fato de só haver sido publicado o Decreto de federalização em outubro, quando já haviam sido tomadas todas as providências para sua realização nessa Escola nos moldes usuais, e conseqüentemente prestadas todas as informações aos interessados, os quais, em sua maioria são do interior do Estado. Há ainda a se considerar que esta Escola exige de seus candidatos a prestação de provas físicas que comprovem índice de capacidade física, o que exige maior espaço de tempo para sua integração na promoção do Vestibular Único²¹

Assim, em documentação do acervo do CEMEF, encontramos indícios da participação da Escola de Educação Física no seu primeiro ano de inclusão ao Vestibular Único da UFMG. Tais fontes versam sobre as provas a serem realizadas naquele momento:

Os candidatos ao Curso Superior de Educação Física que obtiverem classificação nas provas do concurso vestibular único deverão se submeter, ainda, a provas de aptidão física, em caráter eliminatório [...]. As provas constarão, inicialmente, de exame médico-biométrico ao qual os candidatos se submeterão na própria Escola [...]. Os candidatos aprovados nos exames médicos farão, logo em seguida, as provas[...] para a avaliação global da aptidão física.²²

Mudanças nos índices mínimos para o desempenho nas provas práticas ocorreram nesse ano. A Escola utilizou índices muito baixos como estratégia para garantir um maior número de candidatos aprovados.

²¹ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Dossiês. Cx 13/ Pt 03.

²² Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Dossiês. Cx 13/ Pt. 09.

Posteriormente, em 1972, a Escola de Educação Física submeteu os candidatos ao curso, a aquilo que seria o “exame médico especial”. Segundo determinação da UFMG não deveriam ser realizadas pela Escola, provas físicas no vestibular. Sendo somente permitido o exame médico clínico no qual constaria a aprovação do médico atestando às condições de saúde dos candidatos para a realização do curso. No entanto, a Escola realizou o tal “exame médico especial” “camuflando” neste, aquilo que seriam as provas para verificação da aptidão física. O exame médico especial constava, em primeiro lugar, do chamado exame clínico, cujo objetivo era o de “verificar o grau de higidez do candidato”²³ através de “abreugrafia, exame de urina, exame parasitológico de fezes, reação sorológica para sífilis, reação Machado e Guerreiro e vacinação antivariólica feita por autoridade sanitária”²⁴. E em segundo lugar era realizado o exame biométrico destinado especificamente, a avaliar a aptidão física do candidato. Este era compreendido por: determinação do índice ponderal, determinação do consumo de oxigênio (Teste de Cooper), comportamento do organismo em meio líquido (natação) e testes psico-neuro-cinéticos entre os quais:

- a) Velocidade (corrida de 50 metros);
- b) Impulsão vertical (salto em altura);
- c) Impulsão horizontal (salto em distância);
- d) Força (flexão e extensão dos braços em barra horizontal e flexão e extensão abdominal em decúbito dorsal) e
- e) Ritmo (reconhecimento dos compassos binário, ternário e quaternário).²⁵

Cabe ressaltar que os testes são diferentes de acordo com o sexo (masculino ou feminino). Sendo que a prova de força é realizada somente pelos homens e a de ritmo é destinada às mulheres. Além disso, o ato da matrícula no curso foi impossibilitado a aqueles que, por algum motivo, não compareceram ao Exame Médico Especial ou foram considerados inaptos no mesmo.

Devido a conflitos de interesses entre os representantes da Escola de Educação Física e a comissão responsável pelo vestibular da UFMG, nos anos 1974 e 1975 a Escola de Educação Física não realizou as provas práticas no seu

²³ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 13/ Pt 03.

²⁴ Idem.

²⁵ Ibidem.

vestibular. Tendo a Escola que se contentar em matricular os 100 primeiros candidatos classificados no vestibular geral (REZENDE, 1993).

No ano de 1976, no entanto, voltaram as provas práticas. Elas continuaram sendo obrigatórias, mas, contudo, objetivam o aconselhamento dos candidatos ao curso. Na “Síntese Conclusiva da Coordenação Geral da Verificação das Condições Físicas”, documento assinado por Pedro Nazareth, então Coordenador Geral da Verificação das Condições Físicas, de 1975, deixa evidente a necessidade de que se atinja resultados pré-estabelecidos nos testes. Assim as provas objetivavam:

[...] revelar os candidatos contra indicados para o Curso de Educação Física, ficando, a critério de cada um, a decisão de optar por outro Curso ou confirmar a inscrição já feita... Aos candidatos que não revelaram condições físicas satisfatórias, diante dos resultados alcançados nos testes, prestamos os devidos esclarecimentos, com indicação dos pontos em que estão deficientes, para que possam submeter-se a um treinamento capaz de colocá-los em condições favoráveis por ocasião da matrícula, ou então, optarem por outro Curso.²⁶

Sobretudo, conforme nos indica Rezende (1993, p.75)

[...] para comportar o caráter de aconselhamento essas provas teriam que ser realizadas antes do Concurso Vestibular, pois caso algum candidato fosse desaconselhado a prosseguir no curso de Educação Física ele teria chance de prestar vestibular para outro curso.

Assim, as “Provas de Aptidão Específica (PAE)”, conforme passaram a chamar as provas físicas a partir do vestibular de 1976, foram realizadas no período de 9 a 19 de setembro de 1975 (REZENDE,1993) tendo como objetivos os citados anteriormente.

Em 1977 pela terceira vez a Escola não realizou as provas de aptidão Específica no vestibular devido a uma reformulação do vestibular da UFMG que deveria ser avaliada pelo Ministro da Educação e Cultura, e que pedira mais tempo para estudar a proposta com profundidade (Idem).

Então, em 1978, conforme relata Rezende (1993) a universidade acabou com o exame médico que a Escola de Educação Física realizava em seus candidatos,

²⁶ Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Função: Ensino; Atividade: Admissão de alunos; Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular. Cx 13/ Pt 02.

exigindo deles apenas o atestado médico, em modelo próprio fornecido pela UFMG, que comprovasse condições de saúde compatíveis com a natureza do curso. Nesse ano as provas de aptidão específica seriam avaliadas através de testes de habilidade motora, de natação e de uma avaliação funcional segundo o modelo do teste de Cooper. Sendo assim já não se objetivava a performance física do candidato mas sim suas habilidades motoras básicas.

Por fim, no ano seguinte, mantém-se o modelo estabelecido no vestibular de 1978.

Compreendemos, desse modo, que a partir de uma trama envolvendo diversos personagens com diferentes ideais, o vestibular durante a década de 1970 sofreu constantes alterações devido ao confronto de interesses dos envolvidos na sua organização. Interesses políticos e econômicos, sobre os quais podemos inferir de maneira indiciária, que influíram diretamente na seleção dos sujeitos ingressantes no curso durante toda a década de 1970. Identificamos assim, um constante interesse por parte da Escola de Educação Física em eliminar os candidatos não aptos segundo aos seus padrões de exigência, no momento do vestibular. Trançando desde o início esse perfil, ou seja, selecionando já no ingresso, os mais bem capacitados fisicamente. E a UFMG, em contrapartida, veio insistindo na eliminação das provas físicas do vestibular da Escola de Educação Física, por discordar das proposições defendidas pela Escola acerca das suas provas práticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer um perfil dos alunos do curso de Educação Física e, sobretudo, compreender os sentidos e significados atribuídos às práticas de medição corporal foi objetivo desse estudo. No desenrolar desse trabalho, indícios nos conduziram ao desvendar de questões que se constituíram como problema de investigação. Assim, retomando os questionamentos iniciais da pesquisa, identificamos, entre os sujeitos analisados, características que se fazem presentes à maioria dos alunos do curso representados nas fichas. Fatores estes que nos levam a um perfil de pessoas, provenientes da capital Belo Horizonte; solteiras; brancas; relativamente saudáveis, sem doenças; sem vícios (cigarro e álcool) e envolvidas com algum esporte ou atividade física.

Cabe-nos ressaltar que esse perfil é analisado levando em consideração a maioria dos sujeitos, desconsiderando os desviantes. Ao analisarmos aqueles que não se enquadram nesse perfil entendemos que há uma heterogeneidade no conjunto de alunos aqui representados da década de 1970. E assim, pensando nas particularidades dos sujeitos, compreendemos que, embora a maioria dos alunos represente um “padrão” de características que nos conduzem a esse perfil, há um outro grupo, a minoria, que não se enquadra nesse “padrão”.

Além disso, estabelecendo relação com o vestibular, que selecionava os sujeitos de acordo com sua aptidão física e/ou esportiva, compreendemos essa prática como um processo que sofreu diferentes alterações no decorrer da década de 1970. E que pode ter contribuído sim, de formas distintas no decorrer dos anos - conforme as mudanças nos critérios de classificação dos candidatos - para o perfil que identificamos nas fichas.

Nesse trabalho especificamente, não nos debruçamos a investigar com maior aprofundamento alguns resultados de medições constantes nas fichas, que talvez forneçam um maior respaldo no que diz respeito à análise da aptidão física. De maneira que alguns índices numéricos demonstram ainda mais objetivamente dados morfológicos, fisiológicos, entre outros que nos levariam a identificar com maior nível de detalhamento, características físicas dos sujeitos. Somado a essas, outras medições, os exames clínicos (fezes, urina, sangue e abreuografia) também

requerem um olhar sobre eles, no sentido de analisar outros aspectos relacionados à saúde dos sujeitos.

Para essa pesquisa, portanto, selecionamos alguns itens do conjunto total de possibilidades que tínhamos para análise de um perfil dos alunos. E, com isso, assumimos que nossas escolhas representam uma forma de olhar sobre esse perfil, havendo ainda variadas possibilidades que podem, e devem, ser investigadas em estudos posteriores.

Sendo assim, a partir das análises que realizamos, e dialogando com os estudos sobre a biometria e a biotipologia, compreendemos que a Educação Física se torna legitimadora de um modelo de corpo tido como “saudável”, “apto”, e capaz de obter certo desempenho esportivo, no momento em que agrega ao seu campo, práticas biomédicas de medições do corpo que, entre seus objetivos, está o de mensurar características dos sujeitos que vão dizer dessa aptidão, conforme aborda Vimieiro-Gomes e Braghini (2012 p.98).

A mensuração de diversas características biológicas do corpo, morfológicas, fisiológicas ou psicológicas foram parâmetros para caracterizar a normalidade, perspectivar definições de saúde, indiciar a propensão de se desenvolver doenças. Na Educação Física, mais do que isso, medir o corpo também servia para dizer de aptidão, desempenho, além de orientar o controle dos corpos para a prática de exercícios e dos esportes e, assim, promover uma educação do corpo.

Neste sentido podemos pensar que as estratégias de mensuração do corpo como possibilidade de moldar as práticas relacionadas à Educação Física, vem se constituindo ao longo da história como um mecanismo de legitimação científica deste campo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Arquivo Nacional. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Documento, informação e meios institucionais de custódia e disseminação. In.: *Arquivos permanentes: Tratamento documental*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 35-43.
- BERARDINELLI, W. *Biotypologia: constituição, temperamento, caracter*. 3.ed. modificada e aumentada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 548p, 1936.
- CAMPOS, Marcos. A. *Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física*. Dissertação de Mestrado, FaE UFMG, 2007.
- COSTA, Celia M.L. Acesso à informação nos arquivos brasileiros: retomando a questão. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº32, p. 178-188, 2003.
- GOMES DE SÁ, Sergio A. *A biometria em Educação Física*. Curitiba, 1974. 191p.
- LINHALES, M.A.; NASCIMENTO, A.O.; GOMES, A.C.V.; SANTOS, H.P. Organização de acervos arquivísticos: a experiência do centro de estudos sobre a memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer(CEMEF/UFMG). *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação*. Vitória, ES: SBHE, 2011.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PALETTA, Fátima Aparecida Colombo; YAMASHITA, Marina Mayumi. *Preservação do patrimônio documental e bibliográfico com ênfase na higienização de livros e documentos textuais*. 2006. Disponível em: <www.arquivistica.net> Acesso em: 01/07/2013.
- PINTO, José R. *Caderno de Biometria*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cambinda Ltda, 1977. 185 p.
- RAMALHO, Augusto Sette. *Lições de Biometria Aplicada*. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1940. v. 1.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- REZENDE, Ronaldo de. *O significado das provas de aptidão específica nos vestibulares da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais*, Dissertação, Belo Horizonte. 1993.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de . Retratos da nação: os 'tipos antropológicos' do Brasil nos estudos de Edgard Roquette-Pinto, 1910-1920. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, p. 645-669, 2012.

VIMIEIRO-GOMES, A.C. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro, década de 1930. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 7, p. 705-719, 2012.

VIMIEIRO-GOMES, A.C. Imagens de Corpos Normais na Biotipologia Brasileira durante a Primeira Metade do Século XX.. In: *XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*, 2011, São Paulo. *Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História*, 2011.

VIMIEIRO-GOMES, A.C.; DALBEN, A. O controle médico-esportivo no Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo: aproximações entre esporte e medicina nas décadas de 1930 e 1940. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), v. 18, p. 321-335, 2011.

VIMIEIRO-GOMES, A.C.; SILVA, A.L.S.; Vaz, A.F. O Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército: medir e classificar para produzir corpos ideais, 1930-1940. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), 2012.

VIMIEIRO-GOMES, A.C. ; BRAGHINI, K.M.Z. . Potencialidades de Pesquisa em História das Ciências a partir do acervo de objetos do CEMEF/UFMG. In: Meily Assbú Linhares; Adalson Nascimento. (Org.). *Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória*. 1ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 85-102.

Fontes

Acervo do CEMEF/UFMG

Fundo Institucional Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (1969-1980).

Função: Ensino

Atividade: Admissão de alunos

Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular

Cx 13

Função: Ensino

Atividade: Admissão de alunos

Série: Processos avaliativos de admissão do vestibular

Cx 23

Acervo Iconográfico

Série nº 7 : Gameleira

ANEXOS

Ficha do Setor Médico Biométrico

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Setor Médico Biométrico

Doc. Ident. _____ Data nascido 21/10/58 Sexo T Data 2/10/71

Est. Civil sol Naturalidade Formiga Província Belo Horizonte

QUEIXAS não - sarampo - alergia

ANAMNESE Tabagismo não Etilismo não Instruções N

Desde os 14 anos pratica olimpica, natacao
tem suas maiores conquistas

EXAME GERAL Cor pele Biotino normal Altura 151 Peso 46.500

Pele N Mucosas C

Panículo adiposo RD Musculatura RD

Esqueleto N Col. vertebral B

Permeabilidade nasal B Focos de infecção não

Defeitos físicos não

SISTEMA RESPIRATÓRIO B

SISTEMA CIRCULATÓRIO Pr. arterial Mx 110mm 60 Pulso 100
Ben

SISTEMA DIGESTIVO Ben

SISTEMA URO-GENITAL B

SISTEMA NEURO-SENSORIAL B

OUTROS DADOS

OBSERVAÇÕES ao fazer T4T Cooper sentiu-se mal (9.3.77)
apto

Médico - CRMG

Abreugrafia

H P M	DIRETORIA DE SAÚDE		PEDIDO DE RAIOS X	
	DEPARTAMENTO MÉDICO		☐ REG. GERAL	
	AMBULATÓRIO		☐ CLÍNICA	
Unidade de Internação		☐ ENF.º ☐ QT.º ☐ APT.º ☐ L		
Nome Militar		Idade		
Nome Dependente		Idade		
BP		N.º		
Fração				
Tipo Exame Solicitado: ABREUGRAFIA				
N.º 1410				
Diagnóstico ou Suspeita: Normal.				
Data 2 / 9 / 75.				
Ass. e carimbo do Médico				

HPM - DM - 039

No. DA ABREUGRAFIA 092	Data 15 / 02 / 78

MÉDICO
Dr. Geraldo Alves Teixeira
PNEUMOLOGISTA - CRM 2023
CPF 00314905

Exame de Urina

FACULDADE DE FARMÁCIA
U. F. M. G.
Laboratório de Análises Clínicas

EXAME DE URINA

Snr.(a) [REDACTED] Médico [REDACTED] CARACTÈRES GERAIS <table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td>Vol. Enviado.....</td> <td>Côr</td> </tr> <tr> <td>Vol. 24 hs.....</td> <td>Cheiro.....</td> </tr> <tr> <td>Densidade</td> <td>Aspêcto</td> </tr> <tr> <td>Reação Ácida..</td> <td>Depósito</td> </tr> </table> EXAME QUÍMICO PESQUIZAS <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Albuminas</td><td>○</td></tr> <tr><td>Pseudo albumina</td><td>○</td></tr> <tr><td>Glicose</td><td>○</td></tr> <tr><td>Acetona.....</td><td>○</td></tr> <tr><td>Hemoglobina</td><td>○</td></tr> <tr><td>Sais Biliares</td><td>○</td></tr> <tr><td>Pigmentos Biliares</td><td>○</td></tr> <tr><td>Indican</td><td>○</td></tr> <tr><td>Escatol.....</td><td>○</td></tr> <tr><td>Urobilinogenio</td><td>○</td></tr> </table> DOSAGENS <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Albumina</td><td>○</td></tr> <tr><td>Glicose</td><td>○</td></tr> <tr><td>Urea</td><td>○</td></tr> <tr><td>Cloretos</td><td>○</td></tr> <tr><td>Acido úrico</td><td>○</td></tr> </table>	Vol. Enviado.....	Côr	Vol. 24 hs.....	Cheiro.....	Densidade	Aspêcto	Reação Ácida..	Depósito	Albuminas	○	Pseudo albumina	○	Glicose	○	Acetona.....	○	Hemoglobina	○	Sais Biliares	○	Pigmentos Biliares	○	Indican	○	Escatol.....	○	Urobilinogenio	○	Albumina	○	Glicose	○	Urea	○	Cloretos	○	Acido úrico	○	SEDIMENTO <table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>Piocitos</td><td>2 p/campo</td></tr> <tr><td>Epitelios</td><td>Raros</td></tr> <tr><td>Hemátias</td><td>0</td></tr> <tr><td>Cilindros</td><td>0</td></tr> <tr><td>Cristais</td><td>Oxalato de calcio</td></tr> <tr><td>Muco</td><td>(++)</td></tr> <tr><td>Flora bacteriana</td><td>Ausente.</td></tr> </table> Observações : Belo Horizonte, 03 de setembro de 1975 G.F. / 6	Piocitos	2 p/campo	Epitelios	Raros	Hemátias	0	Cilindros	0	Cristais	Oxalato de calcio	Muco	(++)	Flora bacteriana	Ausente.
Vol. Enviado.....	Côr																																																				
Vol. 24 hs.....	Cheiro.....																																																				
Densidade	Aspêcto																																																				
Reação Ácida..	Depósito																																																				
Albuminas	○																																																				
Pseudo albumina	○																																																				
Glicose	○																																																				
Acetona.....	○																																																				
Hemoglobina	○																																																				
Sais Biliares	○																																																				
Pigmentos Biliares	○																																																				
Indican	○																																																				
Escatol.....	○																																																				
Urobilinogenio	○																																																				
Albumina	○																																																				
Glicose	○																																																				
Urea	○																																																				
Cloretos	○																																																				
Acido úrico	○																																																				
Piocitos	2 p/campo																																																				
Epitelios	Raros																																																				
Hemátias	0																																																				
Cilindros	0																																																				
Cristais	Oxalato de calcio																																																				
Muco	(++)																																																				
Flora bacteriana	Ausente.																																																				

Exame de sangue e fezes

FACULDADE DE FARMÁCIA
U. F. M. G.
Laboratório de Análises Clínicas

NOME: [REDACTED]
CLÍNICA:
EXAME: Guerreiro Machado
MATERIAL: Sangue
RESULTADO:

- Não Reativo -

Belo Horizonte, 3 Setembro de 1975
C. R. 11 / 6

HOSPITAL MUNICIPAL "ODILON BEHRENS"

PARA: [REDACTED] B.M.: 5943
MAT.: _____

EXAME DE SANGUE:

Machado Guerreiro : Negativo

EXAME DE FEZES:

Ovos de Ascaris lumbricoides.

Mluh
DR. ANTONIO P. MASSOTE - 0072

BELO HORIZONTE, 28.07.78